

ZOPPI FONTANA, Mônica, FERRARI, Ana Josefina (ogs.). Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia - Volume 1. Campinas: Pontes Editores, 2017.

ZOPPI FONTANA, Mônica, FERRARI, Ana Josefina (ogs.). Mulheres em discurso: identificações de gênero e práticas de resistência - Volume 2. Campinas: Pontes Editores, 2017.

Raquel de Barros Miguel¹

*“Toda cidade tem sua bruxa
E toda paróquia, seus trolls
Tiraremos-lhe a vida com a fogueira da alegria”*
(Canção de verão dinamarquesa “Amamos nosso país” - 1885)

¹ Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina

Discursos de/sobre mulheres: espaços de resistência

Mulheres e discursos. Mulheres em discursos. Discursos sobre mulheres. Discursos de mulheres. Mulheres nos discursos. Discursos para mulheres. Mulheres fazendo discursos. Todas essas combinações dão o tom dos diferentes artigos que compõem os dois volumes da obra "Mulheres em discurso", organizada por Mônica Zoppi Fontana e Ana Josefina Ferrari. Esta obra é resultado de pesquisas e discussões desenvolvidas no grupo de pesquisa "Mulheres em discurso, lugares de enunciação e processos de subjetivação" (MulherDis) alocado no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas - Brasil). Mônica Zoppi Fontana é professora do Departamento de Linguística da UNICAMP, bem como coordenadora do referido grupo de pesquisa. Ana Josefina Ferrari é pós-doutora em Linguística pela UNICAMP e também integra o grupo de pesquisa "Mulheres em discurso". Ambas apresentam reconhecida trajetória no âmbito da Análise de Discurso.

Partindo da ideia de que identificações de gênero e de sexualidade são constitutivas do processo de interpelação do indivíduo em sujeito do discurso, as organizadoras declaram que os dois volumes desta obra trazem, em seu bojo, a intenção de contribuir para o desenvolvimento de uma abordagem discursiva para a análise de processos relacionados à identificação de gênero.

O primeiro volume, que traz o título "Mulheres em discurso: gênero, linguagem e ideologia", reúne 11 artigos assinados por graduandas/os, mestrandas/os, doutorandas/os pesquisadoras/es e professoras/es que desenvolvem suas pesquisas na área de Letras e Linguística em universidades da região sudeste do Brasil. Conta-se, entre as autoras, com a presença de uma pesquisadora francesa, vinculada à Université Paris 13. Entre os/as autores/as, apenas um é homem, sendo assim, daqui por diante, será

adotado o feminino ao fazer referência às autoras. Este volume é dividido em duas partes, a primeira parte, designada "Mulheres, violências e sentidos", tem início com o texto de Lauro Baldini, que reivindica a necessidade da psicanálise abrir-se para o diálogo com o campo dos estudos de gênero. Segundo o autor, o conceito de gênero poderia ajudar na compreensão da constituição do desejo como um processo político. A forma como a maternidade é significada por mulheres em condição de violência conjugal é o foco do artigo escrito por Ana Paula Peron, que tem como fonte o relato de mulheres vítimas de violência que procuraram ajuda em uma instituição da cidade de São Paulo. Os silenciamentos e o processo de negação diante de histórias de violência são abordados em dois textos: Aline Bocchi discorre sobre testemunhos de violência no parto publicados em sites e blogs feministas; já Sílvia Nunes aborda a violência sexual em mulheres durante o período de ditadura militar no Brasil, trazendo reflexões interessantes sobre memória, testemunho e esquecimento. Gabriela Hóllas apresenta um texto instigante sobre a repercussão na mídia diante dos episódios de violência contra as mulheres, ocorridos durante o réveillon de 2016 na cidade de Colônia, na Alemanha. Suas reflexões giram em torno das questões relativas a gênero, imigração, racismo e xenofobia.

A segunda parte do volume 1, sob o título "Mulheres, sexualidade, transgressão", é iniciada pelo texto de Marie-Anne Paveau que, através da análise de figuras de mulheres masculinas, discute a desconstrução dos estereótipos de gênero. De acordo com a autora, a violência é um meio pelo qual tais mulheres se desgendram. Por fim, no que tange à desconstrução de estereótipos de gênero, a pesquisadora destaca que no lugar de desconstruí-los, o mais interessante seria pensar na substituição destes estereótipos por estereótipos desgendrados e/ou transgêneros. O processo de constituição da subjetividade trans, analisado através do exame de discursos presentes em blogs e redes sociais, é o tema abordado pelo texto de

Beatriz Bagagli, que destaca o quanto os corpos são significados através de discursos. Tyara Chaves desenvolve seu texto em torno das mudanças de sentido do termo "vadiagem". Suas reflexões são feitas a partir de um cartaz utilizado pela Marcha das Vadias que aconteceu em 2014 no Rio de Janeiro, que abre possibilidades de novas articulações discursivas para a palavra "vadia". Uma revista erótica brasileira é o alvo de análise de Ilka Mota, que tem como intenção apresentar os deslizamentos de sentidos entre elementos da natureza e o corpo das mulheres. O discurso encontrado em tal revista está impregnado de uma memória nacional associada à colonização, exploração e desbravamento do país/corpo feminino. A prostituição é o tema central nos dois últimos artigos deste primeiro volume. Enquanto Karine Ribeiro aborda os vários discursos sobre prostituição a partir dos enunciados do livro "O cortiço", de Aluísio de Azevedo (1890), Maria Fernanda Moreira discorre sobre os novos sentidos atribuídos à prostituição, desde o final do século XX, através da fala das próprias mulheres que se prostituem. Para tanto, esta autora lança mão de um documentário produzido em 2014 pela Associação de Mulheres Guerreiras de Campinas/SP, como objeto de análise.

"Mulheres em discurso: identificações de gênero e práticas de resistência" é o título do segundo volume da obra. Os 12 artigos que compõem este volume foram escritos por mestres, doutorandas, doutoras, professoras, pesquisadoras, escritora e jornalistas, todas ligadas, de alguma maneira, à área de Letras e Linguística. Entre os/as autores/as, 11 são mulheres e um, homem. Assim como o primeiro volume, este também é dividido em duas partes. Na primeira parte, "Mulheres, mídia, mercado, trabalho", Raquel Noronha traz a discussão a respeito dos discursos empresariais que visam promover a participação das mulheres na economia. A autora aponta que, com base no material analisado, o foco de tais discursos está no trabalho e no desenvolvimento econômico visando o lucro, lógica própria do

sistema capitalista. A publicidade é o foco da discussão trazida por Mônica Santos. Em seu texto, a partir da análise do discurso publicitário voltado para as mulheres, a pesquisadora aponta para o deslizamento que ocorre entre as posições de mulher-consumidora e mulher-produto. Importantes reflexões acerca da imagem como discurso são fomentadas pela autora. Valquiria Lima apresenta um texto que tem como tema a relação entre mulheres e cidade. Para tanto, analisou três séries televisivas brasileiras veiculadas entre 2006 e 2011. Em suas reflexões, a pesquisadora destaca o enlaçamento entre mulheres e cidade, onde, em uma relação dialética, uma participa da constituição da outra. O "Guide Routard" de 2013 (guia turístico francês voltado para turistas interessados na Copa do Mundo 2014 e Olimpíadas 2016, ambos eventos no Brasil) foi o objeto analisado por Gloria França. Tendo como pano de fundo a noção de interseccionalidade, a autora investigou a identidade brasileira presente neste guia, verificando o quanto tal identidade carrega estereótipos gendrados e racializados. Assim como no artigo de Tyara Chaves, citado anteriormente, a autora encontrou a memória da colonização nos discursos propagados pelo guia em questão. A profissionalização das mulheres enfermeiras no Brasil da Primeira República (1889-1930), foi o tema escolhido por Sóstenes Silva. Sua atenção voltou-se para as marcas discursivas de gênero e enfermagem em um manual para enfermeiros publicado no Brasil em 1920. Encerrando a primeira parte do volume 2, Mônica Zoppi Fontana apresenta um texto acerca dos discursos midiáticos em torno da Emenda Constitucional 72 (2013), apelidada de "PEC das empregadas domésticas". Entre os discursos analisados, predominaram os que adotam uma perspectiva patronal, em torno do mito da cordialidade e que exaltam as trajetórias de superação. A autora destaca, ainda, que mesmo que o espaço destinado à voz das próprias empregadas domésticas seja exíguo, ele existe e é potente.

"Mulheres em luta" é o título da segunda parte do volume dois. Jéssica Balbino a inaugura com seu texto a respeito da produção literária das mulheres nas periferias do Brasil. Para tanto, investiga *saraus*, *slams* e literatura marginal periférica, identificando que a poesia empresta às mulheres uma forma de luta, um espaço de denúncia de abusos e violências, um espaço de militância. Mariana Cestari tece reflexões, em seu artigo, acerca dos possíveis diálogos entre a Análise de Discurso e uma abordagem reflexiva, que leve em consideração análises que contemplem as dimensões de gênero, classe e raça. A autora, partindo de seus diálogos com o feminismo negro dos EUA, defende uma tomada de posição feminista e antirracista na Análise de Discurso. Os quatro próximos artigos abrem espaço para mulheres geralmente silenciadas e invisibilizadas. Valéria Costa trata das trabalhadoras rurais, mais especificamente das mulheres catadoras de mangaba do estado de Sergipe, destacando o quanto a fala dessas mulheres é silenciada nos veículos de pesquisa e de comunicação que tratam do assunto. Ana Ferrari apresenta os discursos de mulheres quilombolas da comunidade de Batuva, no estado do Paraná, enfatizando a relação entre silêncio e memória nos processos de identificação dessas mulheres. Através da análise de fotos de mulheres indígenas de diferentes povos/etnias, a pesquisadora Agueda Borges discute a relação que estas mulheres indígenas estabelecem com a pintura corporal e com o espelho, destacando o quanto esse ato, mesmo que significado de diferentes maneiras de acordo com o povo ao qual pertença, é um espaço de subjetivação que fala de permanência, mudança, resistência e pertencimento. Por fim, Daniela de Paula discorre sobre o processo de escrita de seu livro autobiográfico "Eu, Dommenique", onde narra sua experiência como Dominatrix. A autora fala em sentir-se "duplamente calada", pois além de fazer parte do "submundo", daqueles que não tem voz; não pode ter sua voz registrada, pois aos olhos dos outros é mulher, perversa e doente.

Entretanto, a emergência desta voz feminina é, a seu ver, um ato de resistência.

Entre os artigos reunidos nos dois volumes de "Mulheres em discurso" predomina, majoritariamente, a visão da Escola Francesa da Análise de Discurso, fundada por Michel Pêcheux. Dentro dessa mesma vertente, outros/as autores, nacionais e internacionais, são chamados ao diálogo nos artigos, tais como Eni Orlandi e Jean-Jacques Courtine. Por se tratar de uma obra que busca a interface entre a Análise de Discurso e os estudos de gênero, autoras desta área são citadas em vários textos. Entre elas, estão: Judith Butler, Rachel Soihet, Mary Del Priori, Margareth Rago, Adriana Piscitelli, Heleieth Saffioti, Chimamanda Adichie, bell Hooks, Elsa Dorlin. Cabe, ainda, destacar que a noção de interseccionalidade é contemplada por diversos artigos.

O cenário no qual foram realizadas as pesquisas, que deram origem aos artigos que compõem esta obra, é bastante contraditório. Ao mesmo tempo em que foi possível acompanhar o desenvolvimento de políticas sociais em torno do reconhecimento dos direitos das mulheres, o deslanchar de movimentos sociais reivindicatórios - especialmente devido à visibilidade proporcionada pelas redes sociais - bem como a presença da primeira mulher ocupando o cargo de gestão mais alto do Brasil; o retorno de uma onda conservadora e golpista assola o país. No que tange especificamente às mulheres e às questões de gênero, as ameaças são devastadoras. Diante de tal contexto, a leitura proporcionada pelos dois volumes da obra "Mulheres em discurso" tem o efeito de um bálsamo revigorante. São mulheres, na sua maioria, falando de mulheres, para mulheres e em prol das mulheres. A diversidade de temas nos faz lembrar das várias mulheres, dos vários feminismos, das várias possibilidades de subjetivação através dos discursos. Mais do que um ato acadêmico, esta obra é um ato político e militante, apontando que as dificuldades, as invisibilidades e as permanências são muitas,



porém os espaços de resistência e potência coexistem, e estão vivos.